

## ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

CÂNDIDO, M. DA AGRA \* e LUIS FERNANDES\*\*

A intervenção comunitária tem tendência a aparecer, de há alguns anos para cá, como *alternativa*. Apresenta-se como um reequacionar da prática dos técnicos que, algo subitamente, passam a perceber aquilo que até aí, sendo quotidiano, parecia no entanto não ser óbvio: que os indivíduos vivem em comunidade... Por si só, esta tomada de consciência seria já significativa: é no momento histórico em que a vida comunitária se encontra em diluição crescente dando lugar aos contextos urbanos impessoais, heterogéneos e de importância decrescente das relações grupais primárias, que é retomado o conceito de *comunitário* - compreensível nostalgia da densidade social anterior que nos situava na trama permanente de relações significativas. Enraiza porém mais fundo esta vontade de intervenção no comunitário: corresponde a um movimento de reorganização das práticas interventivas sobre o social - particularmente o caso da psicologia, daqui por diante - no sentido de reajustarem a sua eficácia. Questão de adaptação, portanto. A quê? Em primeiro lugar, à falência dos modelos da psicologia clínica clássica, incapazes de respostas globais numa sociedade em complexificação crescente, onde as próprias patologias se movem e se alteram - o mórbido, o crístico, a desadaptação e a desviação não possuem a configuração de objectos sólidos que permitissem deslindar duma vez a sua geometria e submetê-la à manipulação dos seus ângulos. São, pelo contrário, entidades dotadas duma historicidade, no sentido em que respondem a configurações dos teatros de vida - tema para uma antropo-história da psicopatologia e do comportamento do desviante.

O comunitário seria então o pólo que responderia à insuficiência demonstrada pelo pólo oposto: dum lado teríamos o *indivíduo* e as suas vicissitudes em confronto com o intrincado de interações a que é sujeito, de outro lado teríamos o *intrincado* de interações em que afinal se resolve o tecido social: o *sistema*. Em torno de um dos pólos (o do indivíduo) organizaram-se as respostas clássicas da psicopatologia, da psicopedagogia e da psicologia clínica. O meio (p. ex. a família) aparece como dado epifenomenal que permite explicar com

---

\* Professor Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (Universidade do Porto) e responsável pelo Centro de Psicologia do Comportamento Desviante daquela Faculdade (R. das Taipas, 76, 4000 Porto)

\*\* Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (Universidade do Porto) e membro do Centro de Psicologia do Comportamento Desviante daquela Faculdade.

mais profundidade o indivíduo - aparece como condição de certas sinuosidades dum percurso biográfico. Em torno de outro pólo (o sistema) convocam-se todas as relações verosíveis de conceber no tecido social. No limite optimo, descobriríamos que tudo se relaciona com tudo e vice-versa - uma megadialéctica das relações acabaria por evaporar os indivíduos, desindividuoando-os e fazendo-os viver apenas como pontos emissores de *feed-backs* e armazenadores/emissores de informação. Concebendo o indivíduo na rede que o torna presa de fluxos intermináveis, organizaram-se as terapias familiares, a psicoterapia institucional, a comunidade terapêutica, a intervenção na crise, a psiquiatria democrática italiana... Etiquetas pouco precisas como a de *intervenção comunitária* e a de *psiquiatria social* recobririam parcialmente esta dispersão de intervenções. Cada uma delas, ao longo dum segmento temporal que vem já do pós-guerra, apresentou-se a seu tempo como *a alternativa* - vivemos pois desde os anos 40 a novidade das alternativas, signo claro da crise do registo clínico anterior. Que pode, então, revelar-nos a alternativa? Ou melhor, onde enraiza esta vontade de superação dum estado de coisas a que chamamos alternativa? Que trás à luz a *vontade das alternativas*? Parece-nos poder evidenciar em primeiro lugar uma visão antropomórfica da ciência e das práticas interventivas que suporta: é o acto da vontade, da inteligência, da criatividade dos sujeitos que produz a inovação, sendo portanto o motor da ciência. Identificando a locomotiva, resta ir escolhendo os maquinistas.

E o que revela por sua vez a vontade da alternativa a que chamamos psicologia comunitária?

A psicologia comunitária revela um novo enquadramento geral:

1- no estabelecimento das fronteiras: social/clínico, prevenção/intervenção, saúde/doença. A emergência de novos conceitos (ou de conceitos reinjectados de novo no circuito das *novidades*) efectua o esbatimento de fronteiras, pela forma como atravessa transversalmente as discotomias enunciadas atrás: risco, comunitário, rede, ecológico, epidemiologia, biopsicossocial, sistema... A tónica no inter, no pluri, no multidisciplinar e a proposta da prevenção como sequência que torna inseparáveis os momentos primário, secundário e terciário (e portanto que lança pontes entre o educativo, o clínico e o social, entre a pedagogia, o tratamento e a ressocialização) falam-nos ainda do esbatimento de fronteiras.

2- no deslocamento dum racionalidade centrada no indivíduo para outra centrada no sistema. Aquilo que tem tendência a ser apresentado como uma resposta nova - a intervenção comunitária - é afinal elemento dum mutação em curso, que faz com que os objectos da ciência sejam conceptualizados como totalidades, como nós de interacções, como sistemas, como elementos inscritos em sistemas mais vastos... O que pensa ser alternativa é então a própria forma dos saberes se manifestarem hoje - na ilusão de estarem a ser originais, os psicólogos estão a ser teleguiados. Eis como a psicologia não foge a uma determinação epistémica - movimento que não é da ordem do individual (a vontade dos psicólogos serem comunitários) mas produto de regras históricas situadas para além da consciência do indivíduo.

Delineia-se assim uma nova configuração em que as ciências são ciências dos sistemas abertos e em que a própria ciência é sistema aberto (estrutura de comunicação enciclopédica, transdisciplinaridade). O sujeito individual da ciência mais não faz do que traduzir em actos singulares (e que a esta escala podem dar a ilusão de originais) dinâmicas mais vastas, regularidades supraindividuais, feixes de relações em curso para lá do seu acto privado.

Pensamos uma vontade histórica de pensar assim. Se alguma originalidade podemos conservar é a de nos abirmos a esta vontade histórica que nos faz hoje agir pensando relações, identificando subsistemas e o jogo das suas interacções, caracterizando sistemas, catalogando as possíveis trocas com outros sistemas.... Vê-se, de tanto se procurar, por vezes o sistema onde o próprio rigor conceptual do conceito nos aconselharia prudência na pressa de captarmos a rede, o fluxo, a retroacção, a redundância, a homeostasia patológica... Poderíamos talvez dizer que o sistema passou a ser visto por sistema - da fecundidade da teoria sistémica passou-se à banalidade do sistemismo.

Em síntese, a *psicologia comunitária* remeteu-nos para um enquadramento mais geral, que atravessa as disciplinas científicas e que tem no conceito de sistema o instrumento que materializa a transdisciplinaridade e permite aos domínios científicos pensarem os seus objectos segundo as regularidades dum lógica, *a alternativa* remeteu-nos para a novidade, para a originalidade, para a decisão - falou-nos de condutas do foro psicológico que supostamente ditariam o curso da ciência. Uma epistemologia ingénua da individualidade regulariza as práticas, ditando em consciência os remédios a dar às crises e aos impasses dos saberes perante a realidade. Caso para perguntar porquê se não propõem alternativas mais vezes, se assim dependem da nossa vontade a ver se alisamos este aspecto desordenado causado pelas teorias e pelas práticas ineficazes que têm sido constantes desde as origens... Poderemos dizer ainda algo mais sobre o que revela o tema em questão? Certamente. Falámos dum operação em curso em que a estratégia anterior era a psicologia clínica e o indivíduo e, a actual, a psicologia comunitária e o tecido social. A psicologia clínica desenvolveu estratégias que, tomando o termo de Foucault, chamaríamos de *ortopedia do crescimento*: tal como outras disciplinas ocupadas da mais-valia da vida, inscreveu-se numa estratégia de gestão do tecido social a partir do indivíduo. Um bio-poder que invadiu o Ocidente numa macro-estratégia de desenvolvimento desde o corpo (a anátomo-política do corpo traduzida ao nível do saber nas disciplinas da medicina e biologia) ao espírito (a medicina mental, a psicopatologia, a psicologia clínica) e ao corpo social (a bio-política das populações). A consulta psicológica parece ainda inscrever-se no prolongamento desta estratégia do fazer crescer, voltando-se para a potenciação das capacidades do indivíduo, para a promoção do desenvolvimento - descobriu que se pode desenvolver aquilo que já é desenvolvido, levando-o à fruição e a novos limites de si.

A psicologia comunitária aparece como o reajustamento destas estratégias de bio-poder, como a sua racionalização/optimização na vontade de recobrar a eficácia que estas haviam perdido num mundo que não é mais de indivíduos mas

de sistemas (nas Terapias Familiares, por ex., o paciente, resignado, passa a designado). Tal reajustamento é feito à custa da diluição do técnico pelas células do social, numa acção de esquadramento das populações que realiza o paradoxo da democratização do bem-estar (o técnico está em todo o lado) à custa do aumento da vigilância (o técnico estende o seu olho clínico por todo o lado). É a estratégia da onnipresença do especialista, que conduz ao limite o movimento de racionalização que o bio-poder clássico já iniciara - para que cada vez mais haja cada vez menos como vimos recentemente bem expresso no título duma comunicação a um congresso.

Tão somente o que acontece é que ainda não teorizou suficientemente a intervenção comunitária nem se operacionalizaram instrumentos suficientemente poderosos de avaliação das intervenções. É isso que estamos a tentar no Centro de Ciências do Comportamento Desviante da Universidade do Porto tomando as intervenções na toxic dependência como intervenções paradigmáticas para uma psicologia comunitária.